Warley Matias de Souza

ELE

&

eles

Warley Matias de Souza

ELE & ELES

prólogo.

Acorda. Uma pontada forte no lado direito do abdômen. Dorzinha chata. Deita-se de bruços, às vezes dá resultado. Dessa vez não. Levanta-se. Vai ao banheiro. No espelho, os olhos escuros o olham com pesar. A cara amarrotada, a calvície, os fios brancos. Fome é vida, a morte é satisfação. O que acontece após o derradeiro estertor? Ultimamente, vem tendo esperanças desesperadas. A morte se aproxima, mas não está ainda acostumado com ela. Aquela dorzinha está ali há quase um mês. Os médicos dirão quê. Exames, exames e mais consultas. Diagnóstico nenhum. Compram diploma, e a gente que paga o pato. Incompetentes. Analgésico, e logo passa. Escuridão lá no céu, postes de luz aqui embaixo, nenhum veículo automotor na rua.

Vai até a estante e escolhe um livro. Não lê mais nada novo, só faz releituras, como se quisesse lembrar, reviver o vivido. Impossível. Nenhuma leitura é igual a outras. Põe os óculos, ajeita-se na poltrona, só de cueca, o pau adormecido, o coração quase no fim. Na segunda página lida, percebe que ficou alheio enquanto os olhos deslizavam sobre as palavras. Disperso sempre. Volta ao início, lê em voz alta. Sente um arrepio, medo da própria voz. Lê devagar, degusta

o som das palavras, consegue se concentrar. Após dez páginas, pensa sobre elas durante dez minutos, um para cada. Voltar a dormir? Impossível. No fim da vida, dorme-se pouco, é o que dizem. Ele comprova. Resta-lhe pouco tempo, não deve gastá-lo nos braços doces de Morfeu.

Açúcar. Não propriamente o veneno em si. Algo doce. Seu fraco. Para que economizar vida? Na geladeira, o pudim sorri-lhe traiçoeiro. A colher afunda na boca, os olhos se fecham de prazer. Melhor do que sexo, não tem dúvida, muito melhor, mesmo o sexo doce não é tão doce quanto. Culpa nenhuma, em relação a nada, culpa é coisa de gente fraca e ingrata. Entre morrer com um pinto na boca e; prefere a colher cheia de mel. Respira fundo, satisfeito e triste. A felicidade consiste em desejar, o orgasmo é a morte, *petite mort*, como dizia aquele lindo francês. Tem um fraco por franceses. Tão *avant-gardistes*!

Olha para a parede. Ouve um trem apitar ao longe. Gosta mais da noite do que do dia. O silêncio, a ilusão de que o mundo dorme. Os sóis de inverno têm um lugar em seu coração. Mas a sensação de solidão que a noite traz é única. Além disso, a luz elétrica e as sombras o impedem de ver com clareza as manchas na parede, as rachaduras na pintura, o piso lascado e tantas outras imperfeições. Nas sombras, a casa é um

pouco bela, habitável. Mas Ele gosta de se ver, no espelho, em ambiente iluminado naturalmente, com luz solar. A luz faz bem aos seus traços, dá certo encanto à pele flácida e às marcas de expressão, sem falar que ameniza as olheiras. Nas sombras, a velhice se acentua, se situa, reside plena. No sol, a juventude brilha. Casa nas sombras; rosto na luz.

Quando morrer, só descobrirão seu corpo por causa do cheiro de carne podre. Isso não o incomoda, acha mesmo uma boa forma de não ser esquecido, o cadáver podre, tão natural, tão sem artifícios tanafóbicos, tão poético. Se lhe fosse permitido, queria mesmo que seu corpo morto fosse lançado aos urubus, sem pompa, sem circunstância, sem transtornos ou hipocrisias. Nada mais natural servir de alimento aos urubus, nada mais natural. Acende um cigarro. Proibido fumar. Fodam-se os moralistas. Do meu pulmão cuido eu, pensa. Não tem mais paciência com os medíocres que se empenham em controlar a vida alheia.

Ansiedade noturna. Fumar. Comer. Foder não mais. Com cigarros e sem camisinhas enfim. Um cachorro late ao longe. Somos unidos aos ancestrais pelo latido de um cão.

Às vezes, Ele sente saudade dos pais mortos, do irmão distante, e de Fábio. É recente a emoção

provocada pela lembrança de um tempo que não volta mais. Liga a televisão: um filme de arte, japonês, tão raro na tevê aberta. Fecha essa porta para o mundo. A barriga cheia de gases, isso é tudo muito normal. Vantagem de se viver só: não é preciso fugir de ser ridículo ou mesmo nojento. A velhice tem dessas coisas, descontroles, dores e a melancolia do tanto que se perdeu. Que tal escrever um pouco? Tem um diário, máxima aventura literária possível para Ele. Não tem competência para contos, romances ou poesia. Para quem se escreve um diário? Para quê? Ilusão de eternidade. Existi! Barulho lá fora. Medo nenhum. Gatos. *Cats* na tevê. Felinos vira-latas no telhado.

Exibicionistas!

Sonhos românticos, na adolescência. Sorriso sem hálito. Beijo sem língua. Pau sem gosto. Cu sem dor. Prazer constante e infinito. A primeira paixão, delírio, caos e sensação de morte. O suicídio ronda os rejeitados. Depois, só sexo. Um beijo na boca e já era, coração entregue, olhos pidões e molhados. A desistência. O entendimento. A autossuficiência, atingível no mais alto grau possível. Álcool, sexo, drogas, livros, filmes, festas. E então: Fábio. Amor. Morte. Solidão. Quilos mais, quilos menos. Comida a preencher o insaciável vazio. Indigestão.

Diarreias. Dores de cabeça. Gripe. Tosse persistente. Chuva. Sol. Dia. Noite. Fogos. E uma infinidade de coisas que inevitavelmente temos que viver dia a dia.

Só quem tem pode ter, o resto é sonho e insatisfação.

Cara flácida, peitos flácidos, bunda flácida, coxas flácidas.

(O pau nasce flácido e tem o dom de enrijecer inumeráveis vezes durante uma vida.)

Ao agachar, ou subir um degrau, aquele gemido involuntário. A fragilidade se instala a cada segundo. Aqueles caras que enfrentou na juventude, com seu punho enorme de magro pugilista amador, hoje o quebrariam com um golpe só. A morte é um pensamento recorrente. A porta do quarto geme, a porta do banheiro geme, também geme a do armário. Tudo geme com Ele, tudo envelhece. Janelas emperradas, abertas com força bruta somente. Ele é o retrato da decadência. Não pode mais sonhar, pois o futuro pouco existe. No passado, havia tempo para a possibilidade. Agora, só há tempo para o agora e nada mais.

danilo.

Ele está voltando do colégio, a pé e sozinho. Danilo para perto dEle, oferece uma carona. Ele se senta no cano da bicicleta. Danilo pedala, e Ele sente a respiração forte de Danilo na sua orelha. Estremece, teme não ser compreendido. A camisa de Danilo está aberta. O suor escorre no peito másculo e atravessa a camisa de uniforme dEle. As mãos grandes e rudes de Danilo seguram forte o guidão. Danilo sente a mão dEle encostar quem sabe acidentalmente na sua.

Quando chegam, Danilo convida:

— Tenho uma *pizza* de ontem. Topa?

— *Pizza* dormida é a melhor.

Entram na casa de Danilo. A esposa e o filho estão fora, em viagem para confortar uma mãe doente.

— Quando o Fábio volta? — Ele pergunta.

— Depois de amanhã.

Danilo abre as janelas.

— Tá calor, pode tirar a camisa se quiser.

Depois de dizer isso, Danilo tira a própria camisa. Andar com a camisa aberta é brega e sensual. Tirá-la é sexual. A barriguinha proeminente, o peito peludo, os braços fortes. Os olhos dEle não conseguem evitar, sobem um pouco mais para ver aquele sorriso em lábios

muito vermelhos, afogam-se naqueles olhos negros, correm sobre as sobrancelhas grossas e emaranham-se no cabelo preto, liso e com alguns fios brancos sobre a cabeça de Minotauro, dono do labirinto.

Ele tira a camisa de uniforme. É muito magro, mas não se importa, e Danilo também não, parece mesmo gostar, a juventude é sempre bela.

Ele tem dezessete anos. Danilo, quarenta.

— Quer que eu esquente a *pizza*?

— Gosto gelada — diz Ele, um sorriso envergonhado de quem se acha muito estranho.

— Beleza. Eu também gosto assim.

Danilo coloca a caixa aberta da *pizza* de frango na mesinha de centro da sala. Liga a televisão, gosta de programa de esportes. Tão convencional!

— Você torce pra que time? — pergunta.

Ele responde:

— Não gosto de futebol.

— Sério?

Ele sorri, como se pedisse desculpa.

— Quer que eu troque de canal?

— Não, não precisa.

Danilo está descalço. E a bermuda deixa visível o volume de macho entre as pernas. Os olhos dEle conferem o material, parece grande.

— Tira o tênis, tá calor.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Chulé em homem é normal.

Ele tira tênis e meias.

— Nem tá tão forte assim — diz Danilo.

— Você tem alguma coisa pra beber?

— É mesmo, esqueci. Tenho uma coca-cola gelada. Ou prefere cerveja?

— Não.

Danilo vai até a geladeira, e volta com a garrafa de refrigerante.

— Pega copo pra gente, você é de casa.

Ele vai até a cozinha e traz dois copos de vidro, entrega um para Danilo.

Saboreiam o refrigerante, Danilo dá um arroto e parece feliz.

— Seus pais tão em casa?

— Não, no trabalho. Só chegam no final da tarde.

— E o que você faz lá sozinho?

Ele dá de ombros.

— Sei lá — diz.

Danilo olha para Ele com um sorriso safado:

— Aposto que bate punheta a tarde toda.

Ele sorri, não nega.

— Você tem dezessete, né? Na sua idade, eu batia umas cinco por dia. Qual o seu recorde?

— Cinco também, por aí.

— Já comeu uma bucetinha?

— Não tenho namorada.

— Precisa arrumar uma, homem sem mulher não é nada.

Na tevê, um comentarista critica a decisão de um árbitro.

— Não era motivo pra cartão vermelho — afirma Danilo, sem muita convicção. — Quer tirar a calça?

— Não precisa.

— Tá de cueca, não tá? Ou então você pode ficar pelado. Só nós dois aqui, não tem problema, né?

Danilo não espera a resposta dEle, decide tomar a iniciativa, vai baixando a bermuda e a cueca. O coração dEle dispara ao ver que o pau de Danilo está ficando duro.

Ele, então, tira a calça e a cueca. O pau está duro também.

— Bem que imaginei que você tinha pau grande. Deve fazer sucesso com as meninas.

Ele não responde.

Danilo pega no pau dEle para ver qual a reação do amigo do seu filho. Ele apenas fecha os olhos, excitado. Então Danilo sabe que pode avançar mais. Chupa o pau, e faz isso muito bem, Ele nunca mais será chupado assim com tal maestria.

— Não esporre na minha boca, hein? Ainda não! — Danilo diz e volta a chupar.

Depois, Danilo olha nos olhos dEle, enquanto lhe bate uma punheta. Ele aproxima-se para beijar Danilo, quer muito.

— Que diabo você tá fazendo? — Danilo se afasta. — Viado é que beija boca de homem.

Parece mesmo zangado.

— Você é viado, é?

Ele não sabe o que responder, está confuso com a reação de Danilo.

— Eu...

— Deixa pra lá. Chupa o meu pau.

Ele chupa o pau de Danilo, como um garoto obediente.

— Você já comeu cu?

— Não.

— Então mete no meu.

Danilo fica de quatro.

— Cospe no meu cu e depois mete.

Ele obedece, meio desajeitado. E gosta da sensação de ter o pau no cu quente de Danilo. Fica louco, um tesão alucinado. Come Danilo com força, com raiva, mas Danilo não emite sequer um gemido. Ele não consegue controlar-se, goza lá dentro.

Enquanto Danilo está no banheiro, Ele come o resto da *pizza*.

— Me fala uma coisa — diz Danilo, quando volta. — Fábio e você já meteram um no outro?

— Não, somos amigos.

— Eu já meti em amigos.

— Mas com Fábio eu não, é só amizade.

— Olha aqui, o que aconteceu aqui foi uma camaradagem entre machos, entendeu? Não comente com ninguém.

— Pode deixar.

— Eu quero comer seu cu, você deixa?

— Não sei, acho que não.

— Sem problema — Danilo diz, com um sorriso sem graça. — Então você nunca comeu uma buceta?

— Não.

— Isto aqui é só diversão entre machos, uma besteira, você só vai fazer sexo de verdade quando foder uma buceta. Sabe se o Fábio já comeu uma?

— Não sei.

— Sou pai dele, não posso perguntar. Pensei que eram amigos, que contavam tudo um pro outro. Melhor assim, não vai sair por aí dizendo que comeu meu cu.

Ele baixa a cabeça, sorri meio de lado e pergunta:

— Danilo, você já se apaixonou por um cara?

Danilo arregala os olhos.

— Claro que não! — enfatiza. — Você é surdo, rapaz? Não ouviu nada do que eu disse?

Ele quer dizer que ouviu e que tudo aquilo é um monte de merda, que Danilo é um imbecil. Mas se cala porque Danilo é pai do Fábio, e porque Danilo é uma boa foda, pode lhe ensinar algumas coisinhas sacanas.

— Não existe essa coisa de amor entre machos. Mãozinha dada, beijinhos. O lance que rola é animal, entende? Pau no pau, pau no cu, boca no pau, boca no cu. Boca com boca, não! É nojento. Amorzinho de macho com macho, beijinho no portão, é coisa de mulherzinha, de viadinho. Você quer ser um viadinho? Se quer, é melhor sair daqui e não falar mais com o Fábio.

Ele quer mandar Danilo tomar no cu, mas sorri ao pensar nisso, pois Danilo gosta de tomar no cu.

— Tá rindo de quê? Por acaso sou palhaço?

Ele quer responder que sim, Danilo é um palhaço, um idiota curto de inteligência.

— Qual seu problema, cara? — Ele diz, não pode mais se controlar. — Guarda essa merda pra você.

Danilo fica sem graça, mas logo sorri e fala:

— Tá cantando de galo, né? Me deixou de pau duro.

E caem de boca um no pau do outro. Enquanto chupa Danilo, Ele pensa se o pau do Fábio é igual ao do pai. E se Fábio souber que o pai é um viado em negação, como será? E sente culpa, parece errado foder com o pai do seu melhor amigo.

— É melhor eu ir embora — diz Ele, enquanto pega uma peça de roupa no chão.

— Caralho! Vai me deixar duro assim? Pelo menos deixa eu terminar. Olha só, eu gozo na sua boca e você na minha.

— É que não parece certo.

— Do que tá falando, garoto? Sua religião não permite?

— Sei lá, não parece certo. Conheço sua esposa, e Fábio é meu melhor amigo.

— Agora é você que tá falando merda. Que mal pode haver nesta troca gostosa entre dois machos? Não tamo fazendo mal a ninguém, só nos divertindo.

— Sei lá.

— Fábio disse que você gosta de ler, né? Quem lê demais fica assim, cheio de viadagens. Acha que é melhor do que eu porque leu uns livrinhos de merda aí?

Danilo agarra o pescoço dEle. A peça de roupa volta ao chão. Ele sente as costas se chocarem contra a parede. Danilo é mais forte.

Por um momento, Ele sente medo. Empurra o outro. Danilo dá um tapa tão forte na cara dEle, que Ele cai de quatro no chão. E quando Danilo vem por trás, excitado com a violência de macho, e mete no cu dEle com força, Ele não grita, não porque esteja gostando, mas porque é homem, e homem não pede socorro, homem se defende. Foi mais fraco, Danilo levou a melhor. Mas tem sorte, pois Danilo goza rápido, enquanto geme como um coelhinho desprotegido. Ele chega a sentir pena.

Ele não chora, apesar da dor. Vê sangue no pau de Danilo. Veste a roupa. Danilo tenta se desculpar, perdeu a cabeça, entre dois machos não existem essas frescuras. Se quiser, Ele pode dar o troco, machucar Danilo também, coisa de macho.

— Dá aqui na minha cara, dá!

Ele dá.

— Feito homem, caralho. Não com essa mãozinha de fada.

A raiva dEle vem à tona, um soco, um fio de sangue na comissura da boca de Danilo, que se põe de quatro, vulnerável.

— Vem, mete forte, mostra que é tão macho quanto eu.

É com muita raiva que Ele baixa a calça e a cueca que acabou de vestir e mete em Danilo, como se seu pau fosse uma faca. Ódio, vergonha,

nojo e tesão se misturam. Goza. Está confuso, se veste e caminha para a porta. Mas Danilo o segura pelo braço.

— Só uma coisa. O que aconteceu aqui é um segredinho nosso. Se quiser repetir, eu dou um jeito. Se não quiser, foda-se. Agora vou te dizer uma coisa muito séria. Se abrir o bico, vai se ver comigo.

Ele só quer sair dali.

— Me solta.

Danilo larga o seu braço. Ele dá um passo, mas se volta e enfia a língua na boca de Danilo, um beijo cheio de raiva e vingança, com gosto de sangue.

E, então, vai embora, não tem tempo de ver Danilo chorar.

marco.

Ele está parado perto da escada rolante do *shopping*. Cada homem que sobe, Ele pensa que talvez seja o Marco. Não trocaram fotos, então não sabem. Marco vai estar com uma camisa preta. Ele, com uma azul. Então um homem de estatura baixa, cabelo preto, olhos verdes, deixa-se levar escada acima. Marco usa uma calça *jeans*, camisa de botões preta, e traz uma bolsa a tiracolo. Ele sente uma espécie de decepção, principalmente ao ver aquela barriga proeminente. Marco da escada caminha para, e fica à espera diante da livraria, como combinaram. Ele pode ir embora sem falar com Marco. Mas não é esse tipo de gente, aproxima-se.

— Marco?

Marco sorri, meio sem graça. Apertam-se as mãos. O constrangimento se faz em busca de desfazer-se.

— Não imaginei que fosse tão alto — diz Marco, e mostra mais um sorriso sem graça.

Alto e baixo são perspectivas, Ele pensa, enquanto busca pontos positivos na aparência do outro, pois esses encontros sempre acabam em sexo.

— O que a gente faz? — Marco pergunta, não tem o hábito de encontros assim.

Caminham pelo *shopping*, veem vitrines enquanto conversam coisas banais ou fazem perguntas um ao outro do tipo o que você gosta de fazer. Não, não estou falando de sexo. Mais constrangimento. Ele só não quer que Marco faça aquela pergunta tão incômoda. Ativo ou passivo? Não, só os medíocres fazem esse tipo de pergunta.

Na praça de alimentação, sentam-se a uma mesa, pedem coca-cola. Não bebe? Álcool. Ele diz que não. Marco diz que bebia, mas agora não mais. Há uma tristeza nos olhos de Marco, Ele consegue ver. Por algum motivo, Ele pensa na morte de um cisne.

— Você é bonito — diz Marco. — Gosto do tom de sua pele.

Ele sorri, em agradecimento.

Na mesa ao lado, está havendo algum estresse. Briga de namorados. Um homem mais velho e um rapaz, um copo cai ao chão e se parte. O mais novo dá um tapa na cara do mais velho, que o agarra pelo colarinho. Situação tensa. Um deles se desvencilha e sai. O que fica tem o constrangimento estampado no rosto. Sorte que é feriado de carnaval, a cidade está vazia, só uns gatos pingados assistem ao “barraco”.

Marco olha para Ele, com olhos que brilham e lamentam.

— Briga em público é lamentável.

Ele percebe que os olhos de Marco são úmidos, é como se estivesse todo o tempo emocionado. Mas por quê?

— Seu nome é italiano? — Ele pergunta.

Marco sorri um sorriso de brasileiro que tem orgulho de ser descendente de europeu.

— É o nome do meu avô.

— Quantos anos você tem?

Marco sorri, pois agora está evidente a mentira.

— Não tenho trinta, menti. Tenho quarenta e cinco. E você?

— Continuo com vinte e três.

— Desculpa mentir, é que parece que os caras não gostam de quem passou dos quarenta.

— A ditadura da juventude.

— Você me disse que gosta de ler.

— Bastante.

Marco tira da bolsa uma edição em capa dura de *O doutor Jivago*, de Boris Pasternak. Páginas grossas, amareladas. A capa é preta, com detalhes em marrom. Na primeira página, está colada uma imagem (tudo indica que é de uma cidade europeia) recortada de alguma revista ou livro. Na imagem, há um prédio de três andares

que parece ocupar um quarteirão. É antigo, uma arquitetura primorosa. No alto da fachada do prédio, lê-se, em letras garrafais: *LA FONDIARIA*. Podem-se ver dois carros, um cinzento e outro amarelo. Ele não entende de carros, mas talvez sejam dos anos 1980 ou 1990. Um bonde elétrico vermelho passa. Pessoas caminham na calçada. Há uma estátua em frente ao prédio: um homem com uma vestimenta que lhe cobre todo o corpo. Talvez seja algum juiz, a escultura reproduz as ondas do tecido. Ele conclui, em silêncio, que a imagem foi colada ali para esconder alguma dedicatória abaixo.

A edição é de 1966, e há manchas nas páginas amareladas. Marco não diz a quem o livro pertenceu, talvez a seus pais. O caráter de presente está associado ao tempo da edição, Marco acha que uma edição antiga de um livro é uma relíquia, algo que um leitor de verdade gostaria de possuir.

— Obrigado, Marco. Vou ler.

— É pra se lembrar de mim.

Marco sabe que não haverá um segundo encontro.

— Você tem traços de italiano. Os olhos, o nariz.

— Olha que este não é meu nariz original, tá meio torto. Tive um acidente de carro, quebrei o meu belo nariz italiano.

— Mas continua um bonito nariz, torto mas belo.

Marco sorri e baixa os olhos, um homem de quarenta e cinco anos inseguro diante de um rapaz de vinte e três que não sabe de quase nada e não quer magoar ninguém e muito menos ser magoado, um rapaz que ainda sonha e acha que o destino lhe reserva grandes emoções.

Os olhos de Marco lacrimejam.

— Minha vida era outra. Eu tinha um companheiro. E era dono de uma boate. Tive dinheiro, sexo, amor. Aí veio o acidente de carro e, depois disso, nada mais deu certo.

Ele sente que existe muita coisa não dita naquelas palavras de Marco. Parece que Marco está se despedindo da vida, da esperança e do amor. Fato é que existe em Marco a tristeza de quem um dia foi feliz.

— Você mora sozinho, Marco?

Depois de proferir essas palavras, Ele percebe que talvez elas sejam interpretadas como: se mora sozinho, me leva para sua casa, vamos foder, cara. E realmente há nelas um tênue traço de vontade. Apesar de Ele não sentir atração por Marco, ela pode surgir quando

estiverem nus, e também pode surgir o amor, construído pela necessidade de amar. Mas não, Ele sabe que não.

— Moro com minha mãe — diz Marco, com tristeza, não pela companhia da mãe, mas porque perdeu tudo que tinha, sua independência, o sexo livre e irresponsável, o amor e o dinheiro, e está agora vivendo como um homem tão comum, sem casa própria além do abraço materno.

— O que você faz?

Marco sorri, como se dissesse: “Você pergunta demais”.

— Desculpa — Ele apressa-se em dizer. — Eu pergunto demais.

— Não, tudo bem.

— É que não existe outra forma de a gente se conhecer.

Marco parece não estar muito interessado nisso. Não sabe por que está ali. Talvez porque tenha esperança de que a magia se faça outra vez, mesmo depois de viver todos os prazeres e pagar por eles. Há detalhes da vida de Marco que Ele jamais saberá, mas pressente. Quer saber muito mais do que as coisas banais, e no entanto restringe-se a repetir a última pergunta.

— Sou enfermeiro — responde Marco, com um gosto amargo na voz.

— E gosta disso?

Ele se sente cruel, porque sabe a resposta. Mas ainda vive a incompreensão diante daqueles que fazem aquilo que não querem.

Marco opta não pela verdade, mas pela melhor resposta:

— Mais ou menos.

Ele já não tem mais perguntas, a tristeza e o mistério de Marco emudecem.

Diante do silêncio, Marco sente-se obrigado a também perguntar.

— E você?

— Eu quê?

— O que faz?

— No momento, nada. Eu trabalhava em uma empresa aí, mas entrei em depressão. Tô em tratamento, tomo uns remédios.

— Você é um drogado. — Marco mostra um sorriso. — Eu também tomo algumas pílulas.

Ele pensa que aquele nariz torto já cheirou muito pó. E sempre que imagina alguém a cheirar cocaína, vê um nariz sangrento, cuja mucosa foi corroída pelo pó. Cocaína é um ácido? Tenta se lembrar de suas aulas de. Talvez um alcaloide.

— Desculpa perguntar. Mas aquele seu companheiro ainda tá vivo ou...?

O olhar de Marco é de um verde-água, e, nesse olhar, há muita dor. Marco não quer expor seu corpo a um rapaz de vinte e três anos. Mas

sabe, instinto masculino, que se propuser isso a Ele, ouvirá um “sim”, porque Ele ainda não sabe dizer “não” e acredita que talvez algo mágico aconteça, apesar de todos os indícios de dor e sombra.

— Ele tá vivo — Marco diz, com certo amargor na saliva e nos cantos da boca. — Fiquei um tempo no hospital, enquanto ele buscava ser feliz.

— Entendo.

Marco sabe que Ele não entende nada disso, é jovem demais para ser amargo. Mas um dia entenderá, tem certeza, nenhum de nós foge dessa sina.

— Perdi tudo que eu tinha. — Os olhos de Marco lacrimejam. — Mas você não veio aqui pra ouvir minhas lamentações.

Ele sorri enquanto diz:

— Não me importo de ouvir.

E tem vontade de pegar na mão de Marco sobre a mesa, porém os censores têm os olhos sobre eles.

— Trouxe outra coisa pra você.

— Mais presente! — Ele fala, com falso interesse.

Marco tira da bolsa uma caixinha, ela é pintada com detalhes floridos em vermelho e preto.

— Vai me pedir em casamento? — Ele arregala os olhos, abre a boca e põe a mão espalmada sobre o peito.

Marco sorri, e seu sorriso é lindo assim como sei lá.

— Ainda não — diz.

Estende a caixinha até Ele, que a abre sem hesitação. Sobre um chumaço de algodão, está uma moeda antiga.

— Me enganei, não quer se casar, prefere pagar por sexo. Mas se engana, cavalheiro, sou um moço de família.

Ambos riem com alegria verdadeira.

— Ela me deu sorte — diz Marco. — Espero que dê sorte pra você também. Não deve valer muito, mas tem valor afetivo pra mim.

— Obrigado, vou guardá-la e cuidar dela — Ele fala.

A moeda de prata está enegrecida pelo tempo. O número 1.000 está no centro e rodeado, ao que parece, por folhas de louro, em relevo. Abaixo do valor centralizado, está o ano de 1853. Em torno do círculo de louros, lê-se a seguinte inscrição:

PETRUS II.D.G.CONST.IMP.ET PERP.BRAS.DEF.

No outro lado da moeda, vê-se em relevo o brasão imperial: ramos de café e tabaco (um, no lado direito; outro, no lado esquerdo de um globo

centralizado), uma coroa no topo do globo, entre outros detalhes. Em torno do brasão, a inscrição:

IN HOC SIGNO VINCES.

Parece que a tradução para essa frase em latim é: “Com este sinal vencerás”.

Pagam a conta, decidem andar um pouco pela tarde vazia, vão ao parque municipal, caminham por lá. Poucas pessoas, a maioria casais heterossexuais com suas “crionças” (uma amiga dEle costuma se referir assim às crianças, que para ela se assemelham a onças, feras selvagens).

— Isso não te incomoda?

— O quê?

— Esses casais.

— Por quê?

— O tempo todo esfregando a heterossexualidade em nossa cara.

— Nunca fui muito politizado.

— É importante.

— Reconheço, mas não me interessa.

— Não vamos brigar.

— Não vamos.

— Marco, todos sabem sobre você?

— Só minha mãe e as pessoas mais próximas.

Marco olha para Ele, sorri com aqueles lábios de um vermelho escuro e pergunta:

— Você tem vontade de ter filhos?

— De maneira nenhuma.

— Postura política?

— Também.

Ele ri.

— Do que tá rindo? — pergunta Marco, com uma ruga na testa.

— Tô aqui pensando que aqueles *procriadores* ali e tantos outros que tão procriando agora no carnaval, nunca pensaram por que ter filhos, a maioria sequer pensa em não ter. Condicionados a procriar, pela cultura ou pelo instinto, ou as duas coisas juntas.

— Você começa a me assustar.

— Eu sei, as pessoas têm medo de quem é muito calado e de quem pensa.

— Você é calado?

— Muito, falo muito pouco. Tô aqui me esforçando pra não deixar nossa conexão morrer. E já cansei, é hora de dizer adeus.

Marco estende a mão, mas Ele não a segura, prefere abraçar o outro, que, surpreendido, relaxa aos poucos no abraço, mostra-se ainda mais frágil, tem vontade de chorar, mas não pode mais.

Antes de afastar-se, Marco olha com seus olhos úmidos para os olhos dEle, como se pedisse o beijo que nunca acontecerá. Diz tchau e se vai, com a bolsa pendurada no ombro. A Ele então só

lhe resta dar de ombros e caminhar no sentido oposto.

Anos depois, para sair do tédio, Ele pega o livro do Jivago, o qual nunca leu, e, com muito cuidado, tira a imagem colada na primeira página, na esperança de encontrar ali um segredo. A página está em branco, mas no verso da imagem, Ele descobre frases de um curso de italiano, acompanhadas de desenhos em preto e branco.

Che fa Anna adesso?

Abaixo da frase, vê-se o rosto de um homem, um balão de mensagem sai de sua boca. Dentro do balão, uma jovem de saia curta caminha em uma rua; ao seu lado, um ponto de interrogação. O balão está entre esse homem e uma mulher de cabelo curto, ambos de meia-idade.

Va alla posta.

Abaixo da frase, vê-se apenas o desenho do rosto do homem.

Che fanno Giuseppe e Maria adesso?

Abaixo da frase, vê-se, entre o rosto do homem e da mulher, um balão com dois rapazes sorridentes e com um ponto de interrogação ao lado da cabeça de um deles.

bernardo.

Ele está sentado no banco verde do metrô. À sua frente, uma velha negra cochila. No chão, ao lado da perna inchada da idosa, está uma sacola enorme e cheia de coisas que Ele não sabe o que são e nem se interessa por. Perto dessa senhora, vê-se ali de pé um rapaz de camiseta, bermuda e mochila. Provavelmente, é um universitário de classe alta, esperto o bastante para passar em uma federal e experimentar um pouco de independência longe dos pais controladores e permissivos, paradoxo constante na elite brasileira. A velha à frente mexe o nariz e enruga a testa. Velhos sonham? Atravessa a velha com os olhos e vê pela janela atrás dela a paisagem em movimento e tão sem graça. A beleza não é dom de grandes cidades.

Tem vinte e seis anos e já sente o peso do fracasso, que nasceu com Ele, velho conhecido. Às vezes, cai depressivo e chora. Mas ainda tem, vez ou outra, uma folha verde de esperança a tremular diante de seus olhos. Essa coisa inútil que faz um homem colocar-se de pé a cada dia e caminhar: talvez um dia, quem sabe se.

Sempre quis fazer faculdade, mas há empecilhos, todos diversos de sua inteligência um pouco acima da média. Olha para o provável

universitário de classe alta, ali com seu nariz erguido sobre a ralé, e sente raiva.

Desce na próxima estação e logo atinge a passarela. No meio do caminho — carros velozes e ruidosos lá embaixo despertam-lhe impulsos suicidas —, cruza com um rapaz alto, branco e narigudo. Os olhos se tocam, aquele olhar que só os escolhidos sabem identificar. Conta um, dois, três, quatro, cinco. Olha para trás. O rapaz também. Mas deixam pra lá. Sorri, alegre, e segue seu caminho, com a lembrança boa do olhar narigudo a pestanejar sobre uma boca em flor. Gosta de flertar, mas teme o contato homem a homem, pois é sentimentalmente frágil, pode cair se um olhar ou sorriso de desdém o agredir, é pouco resistente à impiedade, cada gesto alheio pode ser um golpe tão doloroso quanto uma cusparada na cara.

Para Ele, todo hospital é um labirinto. Mas chega ao quarto do amigo, que sorri sincero quando o vê, os olhos brilham e disfarçam a preocupação e a tristeza.

— Inhaííí...

É o jeito de Bernardo dar boas-vindas.

— Inhaííí...

Imitar o interlocutor fortalece a confiança e promove os laços de amizade.

Bernardo é só dentes, efeito da perda de peso. O rosto flácido e magro deixa os dentes à mostra. Tantos anos acima do peso e de repente perdeu quilos e diminuiu bastante a barriga antes grande e dura. Ele estranha a aparência do outro e tenta disfarçar, sem muito sucesso.

— Esta doença é uó — diz Bernardo, — mas pelo menos tô com um corpinho de modelo.

Estreita os olhos para Ele e ataca:

— Quem é vivo sempre aparece. — E acrescenta: — Nos funerais.

Ele ainda está à porta do quarto, como um vampiro que espera convite para entrar.

— Entra logo, viado — diz Bernardo, com sua típica impaciência.

Ele entra no quarto, coloca a mochila sobre o sofá-cama e aperta a mão de Bernardo. Para isso, usa as duas mãos, protetor. Bernardo está fraco e pede ajuda para levantar-se da cama e sentar-se na poltrona. Bernardo anda com dificuldade, apoiado nEle. Está internado há quase um mês, e suporta bem. Com dois dias, Ele já estaria subindo pelas paredes, com ganas de matar a todos ao redor. Mas Bernardo é mais resistente, passou por privações maiores do que Ele. Quem sobrevive à violência e à escassez, adquire resistência de rocha. E Bernardo se considera privilegiado apesar de tudo: poucos que tiveram a sua origem

têm o privilégio de morrer em um quarto particular.

Ele faz a pergunta banal e inevitável:

— Como você tá?

Bernardo faz um muxoxo para o lado, os olhos fechados, a mão desmunhecada que de repente se alteia para trás ao indicar que é melhor não falar disso. E desconversa:

— Tá chupando muito pau, viado?

— Não, tô sozinho — Ele responde, conformado.

— Não foi o que perguntei. Estar sozinho não te impede de chupar umas necas, muito pelo contrário.

Agora é Ele que desconversa, não gosta de falar de sua vida sexual, ou sobre a falta dela.

— Eu tava lembrando o dia em que nos conhecemos.

— Você quer dizer a noite, né? Faz... Deixa ver... Tô com trinta e três anos... Faz cinco anos.

— Acho que sim.

Bernardo dá aquela sua gargalhada característica: grossa mas afetada, calculada, risada de atriz canastrona. Sua feminilidade é forjada, uma casca finíssima e frágil sob a qual Bernardo se esconde.

— Tava eu e aquele escroto do meu ex. E vejo aquele viado parado na porta do bar, com

medo de entrar. “Entra, viado!”, falei. Peguei você pela mão e te apresentei àquele mundo novo, mágico, vazio e sórdido.

— Na entrada, tinha um cara velho, lembra? Bêbado, maquiado, deprimido. Aquela imagem não sai da minha cabeça.

— A cona tava na fossa, e a noite ainda era um erê.

— A imagem da decadência.

— E tão distante de você, um garoto de vinte e um anos.

— Tive pena… e medo.

— Do futuro.

— É.

— A conice é uó!

— Sentados numa mesa, você, eu e o…

— Não ouse falar o nome da figura.

— Eu bebia uma coca-cola com limão.

— Bicha comportada!

— Aí vi dois caras lindos, encostados na parede do bar. Se beijavam com tanta paixão, se esfregavam com tal loucura que eu pensei que merecia experimentar aquilo um dia.

— Para com isso, viado. Você vai encontrar um bofe es-cân-da-lo! Eu te prometo.

— Não sei se quero.

Bernardo olha para Ele com aqueles olhos estreitos de quem está prestes a desferir o golpe frio de um punhal.

— Faz quanto tempo que não te vejo?

— Sei lá.

— Três anos.

— Isso tudo?

— Tenho certeza de que nunca mais nos veríamos se eu não tivesse morrendo.

— Sabe como sou.

— Sei que não tá aqui por pena, mas porque é necessário. E não faria isso por qualquer um.

— Se precisa de mim, tô aqui. Não sou amigo de horas felizes.

Ele baixa os olhos, depois caminha até a janela. De lá vê a passarela. Lembra que há pouco seus olhos tocaram outros olhos, que se perderam na multidão.

— Você ainda toma os comprimidinhos da felicidade, viado?

De costas para Bernardo, Ele responde:

— Por necessidade ou vício, ainda não sei.

Vira-se e fala:

— Sua tia me disse que você não tá conseguindo tomar banho sozinho, mas que tá com vergonha de ficar pelado na frente de amigos e parentes.

Bernardo sorri, meio sem graça. Por um momento, lembra uma criança, igualmente frágil.

— Sou frequentadora de *dark-room*. — Assume o gênero feminino. — Não gosto de mostrar o meu corpinho.

Ele sorri, enquanto Bernardo diz:

— Um dia. Escreve aí, viado. Um dia, quando eu tiver ido pro saco, você vai ex-pe-ri-men-tar. Conselho: cuidado com a carteira, a elza corre solta. E sem frescurinhas de bicha comportada. Tem chap-chap do sapato no chão cheio de porra e mãos, muitas mãos, ai, parece filme de terror, mas com sexo.

De novo, Bernardo solta sua gargalhada de falsa diva.

— Você tem vergonha de ficar pelado perto de mim, Bernardo? Não seja bobo, já vi homens pelados, mais de uns. E quando meu pai ficar mais velho e doente, vou acabar tendo que dar banho nele.

Bernardo pensa um pouco e decide:

— Tááá, meu bem! Mas a senhora que não olhe pra minha neca.

— Deixa de viadagem!

— Então olha, viado, então olha.

Ele ajuda Bernardo a se despir e caminhar até o banheiro. Bernardo, fraco, porcelana prestes a se quebrar, segura-se na barra de apoio

enquanto Ele molha, com a mangueirinha, seu corpo tão agredido pela doença. Está inclusive com uns pontinhos vermelhos de alergia espalhados pelo corpo. Ele passa sabonete na bucha e esfrega o amigo, depois massageia a cabeça de Bernardo com espumante xampu.

— Uma hidromassagem seria dos deuses! — exclama Bernardo. — Deixa que eu lavo minha neca e meu edi.

Banho tomado, Ele enxuga a cabeça e as costas de Bernardo, depois o peito e a barriga, e pede licença para enxugar sua bunda e seu pau. Ajuda-o a sentar-se na cama, enxuga-lhe as pernas e pés. Bernardo precisa também de ajuda para vestir a cueca, o xorte e a camiseta.

— Foi bom pra você? — Bernardo zomba da situação, como é típico dele. — Meu querido, quero que você venha outro dia ficar aqui comigo, você é melhor do que os outros. Sou grato a eles, mas você já é meu preferido.

Aquele banho foi o gesto mais carinhoso já ocorrido entre os dois. E não houve constrangimento.

— Você vai ver, a comida daqui é boa. Pelo menos, a sua. A minha é mais ou menos, minha glicose tá nas alturas. Logo logo vem um enfermeiro “do bem” furar meu dedo. Mas tem uma racha de mão pesada que deus me livre.

Cai o silêncio entre eles.

— Tava aqui lembrando do meu pai — diz Bernardo, depois de alguns minutos. Abandona todos os trejeitos, volta ao seu estado original, à masculinidade que o oprime. — A primeira vez que vi o pinto dele. Fomos fazer xixi num lote vago. Eu tinha, sei lá, uns cinco anos. Então olhei e vi o pinto do meu pai. Era grande assim. — Indica o tamanho, um hiperbólico espaço entre as duas mãos. — Fiquei impressionado. Me senti pequeno. Então lembrei que aquele era meu pai, um dia eu seria tão grande quanto ele. Mas, como você mesmo viu, não consegui atingir tal "grandeza".

— Bobo.

— Às vezes penso como seria se ele tivesse vivido pra saber que seu caçula é *gay*.

— Talvez ele soubesse.

— Acha que eu era um erezinho pintosa?

Cai de novo o silêncio. Ele se lembra daquele domingo anos atrás, numa tarde de ruas vazias. Bernardo andava no Centro com um xortinho muito apertado, a bunda ofensiva, e a barriga também (sob uma blusinha *babylook* chamativa). Desmunhecava, andava como mulher, enquanto o namorado de Bernardo e Ele caminhavam machos ao lado da "pintosa".

— Solta a mulher que existe dentro de você, viado! — disse Bernardo naquela ocasião.

Ao que Ele respondeu:

— Não existe mulher nenhuma dentro de mim.

— Tááá, meu bem.

Bernardo faz parte de uma era que está chegando ao fim. Num futuro próximo, quase ninguém mais do “meio” usará a palavra “*gay*”, e GLS voltará a ser apenas uma sigla automotiva que não mais despertará olhares e risos maliciosos dos “entendidos”.

Para quebrar o silêncio, Bernardo provoca:

— Tô cansado de ouvir sua voz, viado.

Quando se conheceram, Bernardo repetia isso muitas vezes, pois Ele falava sempre tão pouco.

— Me promete uma coisa?

— Fala.

— Depois que eu for pro saco, você vai à Parada *Gay*. Por mim, eu tô pedindo. Sabe o que é um bofe escândalo? Você vai beijar a boca dele em minha homenagem, depois vai enfiar a neca do bofe até a garganta e vai ser feliz. Promete?

— Nunca fui...

— Me poupa do discurso político, das críticas aos viados alienados. Não tenho tempo pra isso, viado.

Mesmo sem a intenção de cumprir a promessa, Ele promete. Não é hora de contrariar o amigo.

Um enfermeiro entra no quarto, pergunta se Bernardo se lembra dele. Bernardo diz que sim, era um "caso" do. Pois é, um cão cheira o outro, diz o enfermeiro, antes de lembrar quem Bernardo era, sabia que Bernardo *era*. Ri do próprio trocadilho. Enquanto isso, Bernardo mostra aquele sorrisinho que Ele conhece bem, o sorrisinho letal de diva *pop*.

— Bicha uó! — exclama Bernardo, assim que o enfermeiro sai do quarto.

Após o almoço, Ele acompanha Bernardo a um exame. Empurra a cadeira de rodas do amigo, que parece realmente feliz por Ele estar ali. Na volta ao quarto, Bernardo confessa, ressentido, o ódio que sente pelo proctologista do hospital, um grosso, uma cavalgadura. Ele ouve, como sempre faz; ouvir é um dos seus dons, e Bernardo precisa ser ouvido pela última vez. E é assim que transcorrem as próximas horas: Bernardo fala, e Ele escuta.

Ao despedir-se, Ele promete voltar. Mas Bernardo, com seu jeito brusco, responde, sem disfarçar o amargor:

— Desaquenda, viado.

max.

Noite de sábado. Max e Ele entram no prédio. Na recepção, um rapaz e uma moça, educados. Não é a primeira vez que Max dorme ali. Já Ele nem sabia que aquele prédio de cinco andares era um motel. Dividem o elevador com outro casal (um homem e uma mulher). Silêncio, sem constrangimento. Max tem a chave, comanda a noite, enquanto Ele se deixa comandar.

O quarto é limpo e claro. Tem uma cama de casal confortável, um criado-mudo, um frigobar e um armário. O banheiro é limpo e branco, perfumado. Ao trancar a porta, os dois se olham. Ele sorri, Max beija-o. O primeiro beijo dos dois. As bocas se gostam, as línguas se reconhecem. Os dois tiram a roupa, colocam-na no armário, ficam apenas de cueca. Deitam na cama e se beijam. Ele é carinhoso, e Max gosta disso. Expressa sua satisfação, aninha-se no peito dEle. Ele acaricia o cabelo de Max, sente seu calor, seu cheiro e sabe que isso é bom.

— Maximiliano não é um nome muito comum — diz Ele, e logo se desculpa: — Todo mundo deve falar isso pra você, né? Tô sendo banal.

Max ri. Seu riso é assim de lado e tem um som aveludado.

— Sem problema. Todo mundo fala isso mesmo. É bom ter um nome diferente. E posso ser chamado de Max.

— Gosto de Max.

— De mim? — Max faz cara de surpresa e ri em seguida.

— Também gosto de você. Mas tô falando do seu nome. É gostoso de falar. Gosto do som: Maaacsss...

— Já gosta de mim?

— Se não gostasse, eu não taria aqui.

— É louco isso, também gosto de você.

Ele estremece quando sente a boca de Max no seu pau. Agora é sua vez, Max tem um pau grosso, pesado, sente-o todo sobre o seu rosto. Chupa de olhos fechados, com deleite, gosta muito disso. Agora sessenta e nove, nada melhor. Têm uma noite inteira pela frente.

— Importa se eu fumar?

— Não.

Max levanta-se e, pelado, fica de pé ao lado da janela semiaberta para onde sopra a fumaça. Max tem vinte e nove anos. Ele, trinta. Max tem uns olhos de peixe morto bem sensuais, a pele é clara, Max usa cavanhaque. O corpo depilado, com exceção da região pubiana. Ele gosta de pelos, do cheiro de suor nos pelos pubianos de Max. Enquanto fuma, Max olha para Ele e sorri.

Estão tão à vontade, como se se conhecessem há anos. Uma mulher geme escandalosamente em um dos quartos. Max e Ele sorriem com os olhos e depois dão gargalhadas.

— Todo motel sempre tem uma mulher que geme assim.

— Ela acha que tá num filme pornô.

— A vida é um filme pornô.

— É?

Ele se levanta, ajoelha-se diante de Max e chupa seu pau. Max fuma, sorri. Enquanto Ele chupa o pau, Max acaricia sua cabeça com uma das mãos, como se premia um cão que agrada ao dono, segura o cigarro com a outra mão, traga, fecha os olhos, sorri. Ele vai subindo, os lábios na barriga dura de Max, nos peitos de mamilos duros, no pescoço com aquele perfume de, agora misturado ao cheiro do cigarro. A boca, com gosto de cigarro. O beijo é mais apaixonado, Max sente mais vontade de. Ele quer ser asfixiado nos braços de Max, amado para sempre durante alguns instantes. Max apaga o cigarro no cinzeiro sobre o criado-mudo, e vai inteiro em direção ao outro, dois homens que, por um breve momento, buscam ser um só. Beijos mil, pele contra pele, espada contra espada, retardam o gozo. Max aninha-se no peito dEle.

— Tem fome?

— Não, e você?

— Também não.

Max fala daquele ator que morreu faz dez anos, mais uma vítima da AIDS.

— Nós távamos tão bêbados que deitamos na cama e logo dormimos.

Ele não sabe se acredita nisso. Mas Max inspira confiança. Nunca conheceu ninguém que quase transou com um ator famoso, a não ser Max, que levava essa história como se fosse um troféu, mostrado a todos que pudessem admirá-lo.

— Você é tão carinhoso! — diz Max, enquanto Ele sorri e aproveita o momento, pois sabe que vai ser só uma noite e nunca mais.

— Gosto de você.

— Vai sair daqui dizendo que me ama.

— Convencido você.

Max mora com a mãe e trabalha com Artes, é voluntário em um presídio.

— Eu tava lá dentro quando aconteceu uma rebelião. Mas fiquei calmo e não senti medo algum.

Não quer falar sobre a mãe, é uma louca, é só o que diz.

Ele sabe que são muito diferentes. Max é descolado, anda na moda, tem um jeito de artista de Nova Iorque e gosta de pessoas, do convívio

social. Ele é antissocial, abomina grifes e, se fosse artista, seria um dos malditos. Mas, naquela noite, esses dois homens tão diferentes podem se desnudar e viver um para o outro, alheios a tudo lá fora, como se fossem os únicos no mundo, obrigados a se amarem eternamente por uma só noite.

Max levanta as pernas dEle e mete o pau em seu cu, carinhosamente. Ele não sente dor, apesar daquele pau grosso devidamente coberto com o látex. Sente o cheiro de Max e quer lamber o suor em seu peito. Depois do gozo, Max beija-o enquanto Ele se masturba. Depois Max vai ao banheiro e volta com um rolo de papel higiênico, limpa a porra espalhada sobre a barriga dEle. Deita-se em seu peito e quer dormir um pouquinho. Quando Max ressona lindo, Ele o afasta delicadamente, levanta-se, vai até o banheiro e fecha a porta. Senta-se no vaso sanitário. Enquanto levava no cu, o ar introduzido durante as estocadas estimulou os gases. Ele sabe que é um fenômeno natural, mas é tão constrangedor. Libera litros de gases, devagar, pois não quer fazer muito barulho e estragar a noite com uma lembrança desagradável. Aliviada a pressão na barriga, sai do banheiro. Max dorme. Ele para e fica fascinado com aquela bunda. Até então só se dedicou a apreciar o lindo pau de

Max. Mas aquela bunda é linda, dura, quer mordê-la até ela sangrar.

Depois de dormir durante uma hora, Max acorda.

— Não conseguiu dormir?

— Tava de olho na sua bunda.

Max ri, beija a boca dEle e depois sussurra:

— Antes do amanhecer, ela será toda sua.

— Tenho certeza disso.

— Convencido.

Ele fica pensativo e então pergunta:

— Você já ficou com mulher?

— Já. E você?

— Não.

— Tem vontade?

— Nenhuma. É tão bom quanto comer um homem?

— É diferente.

— Do que gosta mais? Homem ou mulher?

— Gosto dos dois.

Ele fica em silêncio.

— Quer saber mais alguma coisa? — pergunta Max, enquanto levanta uma sobrancelha.

— Desculpa. Tô sendo intrometido.

— De forma alguma, sou um livro aberto.

— Tão clichê!

Max levanta-se e se posiciona de novo junto à janela para fumar.

— Você já ficou com muitos caras? — pergunta.

— Poucos.

— O que considera “poucos”?

— Poucos, ué. Deixa pra lá.

Ele se levanta, vai até Max, abaixa-se e morde de leve sua bunda.

Max sorri lindo em meio à fumaça.

— Boa de morder sua bunda, Maaacsss.

Ele o abraça por trás e roça o pau duro na bunda de Max, enquanto este fuma, aparentemente feliz.

— Gosto do seu cheiro.

— A fumaça não te incomoda?

— Não.

— Preciso abandonar este vício.

— Por que começou? Quer dizer, não é uma crítica, só uma pergunta.

— Sei lá. Acho sensual.

— Você é sensual de qualquer jeito.

Max se vira e beija-o na boca, saliva aquecida pela fumaça.

— Sabia que meu pai um dia beijou um homem?

— E gostou?

— Ele diz que foi uma “boa experiência”. Ele tinha um amigo no quartel, um melhor amigo, que um dia beijou meu pai, assim, do nada, numa silenciosa declaração de amor, e nunca mais se viram.

— Toda história de amor é bela e triste.

— Parece que sim.

— Eu pensei que não tivesse pai, que vivesse apenas com sua mãe.

— Tenho pai, mas nos vemos pouco.

Ele deita-se na cama, Max apaga o cigarro e aninha-se no peito dEle. Max é tão frágil nos braços de um homem, coisa que não aparenta quando está vestido.

— Gosto da noite, e não queria que esta acabasse.

— Você fala essas coisas só porque quer me comer.

— Também, mas não só por isso.

Max está de quatro, enquanto Ele mete com força, é meio impiedoso nessas horas. Max parece gostar, geme daquele jeito que diz acaba-comigo-porque-eu-gosto.

— Você é muito bruto quando mete.

— Desculpa se te machuquei.

— Não, foi gostoso. Não costumo dar o cu com frequência, faz muito tempo que.

— Espero que um dia se lembre.

— Esta noite não será esquecida.

Ele sente o cansaço tomar seu corpo, uma leve sensação de pena que flutua de lá para cá, de cá para lá... adormece. Max aproveita para ir ao banheiro e liberar os gases provocados pelas estocadas violentas dEle. Que constrangedor, pensa. Não quer estragar a noite, tenta não fazer muito barulho.

Ele dorme uma meia hora. Quando acorda, Max está junto à janela, não fuma, só olha a noite lá fora, a nudez o faz sentir-se livre.

— Você já se perguntou por que tá aqui neste mundo?

— Já acordou? — diz Max. Ajoelha-se aos pés da cama e beija os pés do outro. — Tenho tesão por pés, sabia?

Levanta-se, apoia as mãos espalmadas na cama, coloca o pau duro entre os pés dEle e, de olhos fechados, começa a fazer movimentos de vaivém.

— Goza nos meus pés.

Max então sobe na cama, ajoelha-se ao lado dos pés dEle e se masturba, enquanto acaricia os pés dEle com a outra mão. Ele fica fascinado com o deleite de Max e sente um imenso medo, todos sabemos de quê. A paixão não deve ser desejada, mas temida, sempre. Max goza sobre os pés dEle.

— Vem cá.

— O papel…

— Sem papel. Vem cá, deita sobre mim.

Max obedece. Ele sente o pau molhado de esperma deslizar sobre sua barriga. Os pés de Max se esfregam nos dEle, molhados.

— O prazer é um bom motivo.

— O quê?

— Você perguntou por que tô aqui neste mundo.

— O prazer tem algo de insatisfatório.

— Você é daqueles tipos insaciáveis?

— Eu queria fazer algo importante, algo que me diferenciasse da massa, algo grandioso, mas não sei o quê.

— Você vai fazer, seus olhos dizem isso.

— Falo sério. Todo dia acordo e pergunto o que tô fazendo nesta porra de mundo. É como se, a cada hora que passa, eu perdesse a oportunidade de ser grande e significativo.

— Tá falando de quê?

— Difícil explicar. Não tô falando de dinheiro, não tô falando de amor, tô falando de dar significado à minha existência. Sou meio confuso, deixa pra lá. Às vezes acho que é tarde demais.

— Dorme um pouco. Ainda temos algumas horas. Só vamos embora depois do café da manhã, só venho aqui pelo café da manhã.

Max sorri, provocativo.

— Pelo café da manhã e por você.

— Primeiro o café da manhã, pelo visto.

— Por você e pelo café da manhã. Melhor assim?

— Você namoraria com alguém feito eu?

— Por que não? E você namoraria comigo?

— É um pedido?

— Apenas uma pergunta.

— Gosto de você, já disse. Mas não acho que combinamos.

— Até agora combinamos bem.

— Quero dizer o lance da personalidade. Você parece ser mais livre do que eu.

— Livre?

— Eu sou possessivo e paranoico.

— Não parece.

— Este aqui sou eu em uma noite especial.

A mão de Max desce até o pau dEle.

— Não posso mais, duas esporradas numa noite é o máximo que consigo.

— Não me importo, gosto de estar com você.

Max levanta-se e faz uma pose.

— O que tá fazendo?

— Já fui modelo pra estudantes de pintura. Essa era uma das poses.

Ele senta-se na beira da cama, Max aconchega o rosto dEle em seu pau. Ele fica

inebriado de cheiros, enquanto desliza as mãos pelas coxas e bunda de Max.

— Eu ganhava uma grana como modelo pra estudantes de pintura.

Ele se deita de novo na cama e diz:

— E depois transava com eles.

Max encosta-se na parede.

— Acha mesmo que sou um puto?

— É?

— Não, sou recatadinho.

Os dois sorriem, cúmplices.

— Como eu dizia, somos de mundos diferentes. Existe um tipo de barreira entre nós. Esta é a noite da trégua, se é que me entende.

— Vamos derrubar essa barreira definitivamente.

— Você é sedutor.

Max acende mais um cigarro. E diz, meio envergonhado:

— Você precisa saber que eu tenho namorado.

Não olha para Ele, seu olhar está flutuando com a fumaça rumo às estrelas.

Ele sente um frio na barriga, algo próximo à decepção. Mas não quer mostrar fragilidade. Até porque ninguém fez juras de amor eterno e fidelidade. Estão ali só pelo prazer. Levanta-se, vai até Max, pega o cigarro de sua mão e fuma

pela primeira vez na vida. Tosse, os olhos ficam vermelhos.

— É sua primeira vez?

Ele fuma mais uma vez, agora sem tossir.

— Primeira sim.

É o início de um vício, para o resto da vida. Mas Ele ainda não sabe.

Olha bem nos olhos de Max e diz:

— Isso garante que nunca me esquecerei de você.

Max pega o cigarro de volta, eles se abraçam. Ele sente o coração de Max bater acelerado. Aquele abraço é um adeus antecipado. A pessoa certa na hora errada. Esse pensamento passa pela cabeça de um deles.

— Vamos dormir.

— Vamos.

Aconchegados um ao outro, dormem por duas horas. Tomam banho juntos, abraçam-se sob o chuveiro, e Ele chora em silêncio, a água lava esse segredo. Depois Max usa o telefone na parede do quarto para pedir o café da manhã. A bandeja é entregue numa estrutura giratória na parede, coisa típica de motéis. A privacidade nesses ambientes é tudo. Ele sente um nó na garganta que o impede de engolir. Mas, com determinação, bebe um pouco de café, é preciso cair na real.

— Sem café da manhã, não sou ninguém — diz Max e sorri, como se pedisse desculpa pela banalidade do comentário.

Dividem a conta do motel e saem para o sol daquela manhã de domingo. Caminham em silêncio, juntos caminham. Por um instante, suas mãos se tocam, mas não ousam apertar-se uma contra a outra, eles sabem que isso seria demasiado e que poderiam sucumbir.

Enfim, chega a hora do adeus definitivo.

— Vou por ali.

— E eu por aqui.

Ele estremece quando Max pega sua mão e beija-a. Elegante, doce e imprevisível. Max sorri seu lindo sorriso assim de lado, enquanto Ele quer retribuir, mas só consegue um leve esgar. Max dá-lhe as costas e desce a avenida. Ele fica ali parado, à espera não sabe bem do quê.

Mas Max nunca olha para trás.

joão.

Não é o seu nome verdadeiro. O dEle também não é, só nome de “pegação”. Ele está com trinta e seis anos. João, com vinte e cinco, é o que diz.

Ele aperta o botão do interfone e se identifica, com seu nome falso. Essa é a senha para que as portas se abram. Ele sobe dois lances de escada e está diante da porta, do olho-mágico. João abre, manda entrar, ficar à vontade.

— Foi difícil achar o endereço?

— Não, peguei um mototáxi.

— Você é bonito.

— Você também.

João vai até a janela da sala, puxa a cortina.

— A janela é transparente, dá pra ver tudo.

— Você tá sozinho mesmo?

— Eu e deus.

Sorri, um sorriso sedutor. É negro, um metro e setenta e cinco de altura. Cabelo crespo, bem-aparado. Pele lisa, barba feita hoje. Está de bermuda e com uma camisa de malha branca. Cheira bem, cheiro de menino bem-nascido.

O apartamento é amplo, bonito. Ele se pergunta que trabalho permite ao pai de João sustentar o filho universitário, que se prepara

para um dia ser um exemplar e responsável pai de família.

— Você tem namorada?

— Tenho sim. Quer conhecer? — João sorri, feliz e provocador. — Vem comigo.

Entram no quarto de João. Na parede, há um mural, com fotos do irmão, da namorada, dos pais, de amigos. Ela é bonita. Branca, cabelo encaracolado, rosto de menina bem-nascida e segura de si.

— Ela estuda Biologia também.

— Tem certeza de que não vai chegar ninguém?

— Absoluta. Todos tão viajando.

— Por que você não?

— Tenho muitos trabalhos da faculdade.

Ele beija a boca de João, seus lábios são convidativos. Beijo bom, quente, doce, molhado. João segura a cabeça dEle por trás. E Ele pensa se é assim que João faz com a namorada. Roupas no chão. Nus sobre a cama de solteiro de João. Um pau grande e ereto. Ele pede para pôr camisinha, se João não se importa. Chupa a bala com papel. Tem medo da AIDS e não aproveita aquele pau tão suculento.

Ele está tão deprimido que nem ereção tem. Dá o cu para João, e ouve o gemido do universitário, enquanto olha para o seu peito e

sente o seu cheiro. Depois, João fica ao seu lado, faz carinho em seu peito, como se se importasse de verdade, tudo faz parte do *show*. Mas Ele não consegue gozar, desiste de tentar fazer o pau funcionar. Pergunta onde é o banheiro. É limpo, espaçoso e agradável. Tem vontade de chorar. Enquanto isso, João cochila sobre a cama.

O quarto está iluminado pela luz do corredor, parte é sombra. Ao voltar do banheiro, Ele se deita no peito de João, pergunta se deve ir embora agora. João é gentil, pede para Ele ficar mais um pouco.

Nus, em posição de lótus, um diante do outro.

— Então você é bissexual, né?

— Sou.

— Não conheço muitos.

— Tem um monte aqui na cidade, todos com namoradas, ninguém desconfia.

— Tudo escondido.

— E assim deve ser.

— Você acha que pode viver sem transar com homem? Quando se casar, vai parar?

João sorri, tem um sorriso sedutor porque não é carregado de amargura.

— Não sei responder a essa pergunta.

— Há vidas felizes por aí.

— O que quer dizer?

— Que existem pessoas felizes.

— Eu?

— Você?

— Não tenho do que me queixar.

Ele suspira, está tão triste que chega a doer quando sorri.

— Desculpa o pau mole.

— Não tem problema.

— Meu namoro de três anos acabou, levei um pé na bunda. Confesso, tô aqui porque pensei que você pudesse me ajudar a esquecer.

João apenas sorri, enquanto pisca lentamente.

— Em outro momento, você seria um sonho, porque você é assim gostoso demais, cara. Seu corpo, seu rosto, seu pau. Mas meu namorado, meu ex, o filho da puta me fez ficar de pau mole, não sei até quando, meu pau só quer ele. Porque o pilantra continua comigo aqui dentro deste peito. Sabe, é como quando alguém morre, mas parece que o fantasma fica ali do seu lado.

— Sei como é.

— Já passou por isso?

João sorri:

— Não.

— A vida é um eterno se.

— O quê?

— A vida não passa de possibilidade.

— Sou da Biologia, não da Filosofia.

— Sei que lá na frente, no futuro, vou me lembrar de você e lamentar por não ter aproveitado este momento como deveria.

João deixa a posição de lótus e oferece um abraço, que Ele aceita, em desespero. O cheiro de João é tão bom. Ele tem vontade de chorar, mas não quer estragar tudo mais do que já estragou.

A mão de João escorrega até o pau mole dEle, que enfim endurece. “Aleluia!”, diz João, obviamente cristão.

— Não vou conseguir gozar hoje.

João afasta a mão e sorri, gentil.

— Quer uma cerveja?

— Você tem sorvete?

— Tenho.

— Não brinque! Se tiver de morango, ficarei feliz.

— Chocolate.

— Bom demais!

João pega na mão dEle e o leva até a cozinha. Não querem se sentar, ficam de pé. João segura o copo de cerveja gelada, finge o prazer do primeiro gole, nada além de um hábito. Enquanto isso, Ele ataca o pote de sorvete, com voracidade.

— Já chupou um pau com sorvete?

João dá uma gargalhada e diz:

— Ainda não.

— Quer experimentar?

— Não, vai fazer uma sujeira.

João pega uma colher, e dividem o pote.

— Sobreviver não é viver.

João faz um carinho no rosto dEle. É tão paciente, sabe fingir interesse.

Ele continua:

— Nunca senti paz, despreocupação e vontade de viver. Nunca tive uma vida. A morte, a dor, o medo e a insegurança tão sempre à espreita.

— Você tá mal, hein?

— Choro todos os dias quando acordo.

Quer chorar agora, mas se contém.

João fica calado, às vezes sorri. Não parece entediado. Gosta de ouvir, quem ouve aprende.

— Você quer ter filhos?

João balança a cabeça, afirmativamente.

— Quero um só — diz. — E você?

— Não transo com mulheres, esqueceu?

— Ué, pode adotar.

— Não quero ser pai, de jeito nenhum.

É quase meia-noite, o condomínio está silencioso.

Ele diz:

— Gosto do silêncio.

— Eu não.

— É daqueles que não conseguem ficar sozinhos.

— Sou daqueles que não conseguem ficar sozinhos.

— Acho que é hora de ir.

João, de novo, agarra sua mão.

— Fica, tenho medo de dormir sozinho.

João sabe ser doce e safado ao mesmo tempo.

— Tá me convidando pra dormir com você?

— A cama é de solteiro, mas cabe a gente muito bem.

Ele beija os lábios de João, beijo de irmão, toque leve, sem língua.

— E podemos ver um filme, se você quiser.

Ele abraça João e lhe diz ao pé do ouvido:

— Se eu não tivesse tão destroçado, me apaixonaria por você.

Afasta-se, encosta-se na mesa. João está encostado na pia. Eles se olham, como se entre eles houvesse algum tipo de coisa indizível, uma possibilidade.

— E você me faria sofrer, comer o pão que o diabo amassou.

— Como pode saber?

— Você tem namorada, começa por aí.

— Isso não é problema.

— Você deixaria sua namorada por mim?

— Se eu me apaixonasse por você.

— Acho que sou romântico demais, me incomoda essa capacidade que vocês têm de descartar pessoas como se elas não passassem de coisas.

João baixa os olhos, não sorri, parece incomodado.

— Ei! — Ele se aproxima, segura o queixo de João para que possam se olhar de novo. — Desculpa, João.

— Tudo bem.

— Não tá. Sou visita. Você me recebeu tão bem. Não tenho o direito.

— Você diz o que pensa.

— Ainda quer que eu durma com você?

— Sim.

— Então, nas próximas horas, vamos viver como se não existisse amanhã.

Ele abraça João, que gosta mais do abraço do que deveria gostar.

— Vou pedir uma *pizza* — diz João, desvencilhando-se.

Ele segue João até o telefone da sala. Avalia suas costas e sua bunda, um belo corpo nu. Sabe que não poderá esquecer aquela imagem, pois ela é agradável demais. E quem disse que só as lembranças ruins ficam?

João pede uma *pizza* de frango, pois Ele ainda não é vegetariano. Comem sobre a cama, conversam, João toma cerveja; Ele, guaraná. Têm a ilusão de que foram feitos um para o outro. Mas também sabem que se assim é, aquele é o momento errado. Dormem por volta de quatro da manhã.

Às dez, Ele é acordado por João. Não há mais a magia ou o carinho de antes, João está diferente, outro, talvez o verdadeiro. Ele tenta manter a conversa no mesmo nível da noite que passou, com o mesmo carinho e respeito. Mas João não sorri, está impaciente, quase agressivo.

João sequer responde ao tchau que Ele, envergonhado sem saber por que, deixa despencar dos lábios, acompanhado de um aceno de mão.

Não quer pegar um mototáxi. Precisa andar um pouco. Aquela noite com João serviu-lhe para amenizar um pouco da sua dor, mas também para confundi-lo. O que fez de errado para ser tratado assim no final? Repassa toda a noite em sua mente e conclui que não fez nada de mais. João simplesmente não quer mais contato, não quer que ninguém estrague a sua vidinha certinha, com mulherzinha e filhinhos, carro na garagem e falsas aparências.

Foda-se, João!

Então começa a pensar no ex. Aquele puto deve estar dando para todo mundo. Nem se lembra mais de que Ele é o “amor da minha vida”. E logo deve estar chamando outro de “amor da minha vida”. Falso! Filho de uma... Não, não tem motivo para ofender a mãe do puto, é gente boa pra caralho. Tem saudade dela também, mas faz parte do luto se afastar de tudo e de todos que lembram o “falecido”. Não suporta nem pensar ou dizer o nome dele sem sentir a dor de punhal no peito, o frio na barriga, a lágrima no olho.

E se Ele se jogar na frente de um carro, pular de uma ponte ou de um prédio? Quer acabar com aquilo, não tem paciência para o sofrimento. Mas não pode evitá-lo nem negar sua existência, está realista demais para recorrer a autoenganos. Vai passar, é tudo que ouve, todos dizem, repetem, chatos, que vai passar. E Ele sabe que vai passar. Mas quando? Que seja logo, que seja agora.

João volta à sua mente. Tem vontade de procurar a namoradinha do sacana e dizer assim, com todas as letras, seu futuro maridinho adora chupar um caralho, sabia? E só não deu o cu para mim porque eu estava... bem... im-pos-si-bi-li-ta-do. Ou será que vocês têm um acordo? O que eu duvido muito mesmo. Não, você é do tipo que dá para o namorado e para mais ninguém, a não ser um casinho antes do casamento para não dizer

que foi sempre certinha, não é? Você olha para as da sua espécie, mulherzinhas como você, e tem ódio, misógina como a maioria de vocês é. E tem medo de perder seu homem para uma vadia, eu sei. Mas o seu homem é a vadia, meu bem, feito na medida para você.

E basta! Ele não quer mais pensar nesses procriadores que acham que o mundo é deles. E não é? Fodam-se todos! Que o casamento seja um desastre e que o útero dela seja seco! Que a porra dele não passe de um mar de espermatozoides mortos. Deixa pra lá! Esquece essa gente, não vale a pena, nada é maior do que a própria dor, de homem traído por outro homem.

Puto!

Puto!

Vai passar, vai passar, eu sei que vai passar.

fábio.

— Não acredito.

Ele olha meio sem jeito para o cara.

— Não tá me reconhecendo, né? Engordei um pouco, eu sei.

— Eu não... Peraí! Não acredito.

Fábio sorri grande, sorriso bonito, inesquecível.

— Fábio! Pensei que tinha ido embora, cara.

— E fui, mas voltei.

Nesse ponto da conversa, uma mulher já está batendo o pezinho no chão, irritada com a demora do caixa, ainda mais atrasado porque aqueles dois resolveram bater papo em vez de agilizar o pagamento. Ele percebe e diz:

— Vou pagar aqui e te espero lá fora.

Logo se encontram lá fora, Fábio com aquele sorrisão de homem bom de cama.

— O que vai fazer agora?

Ele dá de ombros.

— Vem comigo pra minha casa — diz Fábio, enquanto puxa-o pelo braço. — Peraí, você tá de carro?

— Não dirijo.

— Melhor então.

Entram no carro de Fábio. Visivelmente eufórico, Fábio não para de perguntar coisas.

— Casou?

— Não.

— Tem filhos?

— Não.

— Trabalha em quê?

— ...

E responde às perguntas que Ele não quer fazer:

— Tô divorciado, tenho dois filhos e sou contador.

Silêncio.

— Faz quanto tempo que a gente não se vê mesmo?

E Fábio responde à própria pergunta:

— A gente tinha vinte e dois anos quando me mudei. Agora, temos quarenta e cinco. Mais de vinte anos.

— É, mais de vinte anos.

— Tô te deixando tonto, né? Sou agitado demais, você sabe.

Ele pergunta:

— E sua mãe? E seu pai?

Sente um calafrio, misto de desejo e horror, ao pensar em Danilo, o pai de Fábio.

Fábio responde:

— Mortos.

— Não sabia.

— Ele morreu de câncer faz uns dez anos. Ela, de infarto, o ano passado.

— Desculpa, não devia ter perguntado.

— Que nada, besteira, as coisas são como são.

Ele se sente à vontade na companhia de Fábio.

— Você era meu melhor amigo — diz.

— E não era? — De novo o sorrisão. — Mas você se afastou, e até hoje não sei por quê.

Ele fica em silêncio.

— Deixa pra lá, não quero te pressionar.

— Eu sou homossexual.

Essa revelação, assim, aparentemente do nada, faz Fábio, pela primeira vez, ficar desconfortável.

— Quero dizer, foi esse o motivo. Você era meu melhor amigo, mas eu não conseguia contar pra você. Então eu me sentia meio que te traindo. Ao esconder a verdade do meu melhor amigo, eu era desonesto.

Ele quer ver o sorrisão de Fábio, mas o outro está sério.

— Agora eu entendo. Durante todo esse tempo fiquei imaginando o porquê. Agora eu entendo.

— Foi isso.

— Fico triste.

— Desculpa por eu existir!

Volta o sorrisão, agora meio sem graça.

— Não, idiota! Não é disso que tô falando.

Ele se lembra de que o amigo sempre o chamava, carinhosamente, de “idiota”. Não era ofensa, era como se dissesse “eu gosto de você, cara”. Coisas que só homens conseguem entender.

— Fico triste porque você não contou pra mim, seu melhor amigo. Fico triste porque não confiou em mim. Fico triste porque eu não fui capaz de inspirar essa confiança.

Quando chegam ao prédio onde Fábio mora, o gelo já foi quebrado, e o afeto, restabelecido.

No pequeno apartamento, Ele pergunta:

— Faz quanto tempo que você tá divorciado?

O sorrisão se abre.

— Acha que meu apartamento tá precisando de um toque feminino?

— Não sou tão machista, foi só uma pergunta.

— Faz um ano. Você toma cerveja?

— Não. Se importa se eu fumar?

— Não, pode fumar.

Depois que Ele acende o cigarro, Fábio tira a lista de compras do bolso da bermuda, desdobra o papel e o dá para Ele.

— Pode colocar as cinzas aí, não tenho cinzeiro.

Ele vê a fotografia dos filhos de Fábio sobre a estante.

— Bonitos os moleques, não são?

— Se parecem com você.

Fábio fica vermelho.

— Não foi isso que eu quis dizer.

O sorrisão de novo.

— Então sou feio.

— Também não foi o que quis dizer.

Ele vai até a janela. O vento espalha as cinzas pelo apartamento.

— Puta merda! Desculpa.

Os dois riem.

— Me dá esse papel, vou jogar fora. Depois eu limpo. Vamos deixar de viadagem. Opa, desculpa, eu não quis...

— Fica tranquilo.

Quando Fábio volta da cozinha, aonde foi jogar o papel na lixeira e de onde traz um pratinho com doce de leite e queijo, Ele fala:

— Vamos combinar uma coisa. Sem mais desculpas, senão vamos acabar não falando mais nada. Se eu te acho bonito e se sou dado a viadagens, e daí?

— Combinado.

— Isso é pra mim?

O sorrisão é mais doce do que o doce.

— A não ser que você tenha mudado muito, esta é sua comida favorita.

— Passa pra cá, tá com uma cara ótima.

Fábio corta um pedacinho do queijo com a colherinha, mistura a um bocado de doce de leite e põe na boca dEle, que fecha os olhos, com deleite.

— É assim mesmo que me lembro de você — diz Fábio, com os olhos brilhantes em vez do sorrisão.

— E você não come?

— Agora não, tô fechando a boca, engordo fácil.

— O envelhecimento é uma bosta!

— É sim. E tamo só no começo.

— Nem me fale.

— Senta no sofá.

Ele joga o resto de cigarro pela janela e quase pede desculpa pela atitude, mas se lembra do que combinaram. Pega o pratinho das mãos de Fábio, senta-se no sofá, enquanto Fábio se senta no chão, encostado na parede, para poderem ficar frente a frente.

Enquanto Ele se delicia com doce e queijo, eles ficam em silêncio.

— Quer mais?

— Não, obrigado.

Fábio leva o pratinho para a cozinha, depois volta e se senta no chão de novo.

— Já falei muito de mim. Agora é sua vez. Tem namorado? Já se casou? Quer ter filhos?

— Você continua com a mania de fazer mais de uma pergunta ao mesmo tempo.

— Minha marca registrada.

Abre o sorrisão.

— Senti saudade desse seu sorriso, nunca conheci outro igual.

Fábio fica vermelho de novo. Tem a pele clara, com manchas de sol. O cabelo é preto, com alguns fios brancos, a barba por fazer, pelos no corpo inteiro, um nariz grande e atrevido, uma boca tão vermelha que parece uma ferida.

De repente Ele se pergunta por que nunca teve fantasias com seu melhor amigo, até hoje.

— Vamos às respostas. Não tenho namorado no momento e nunca me casei.

— Não quer ter filhos?

— Nunca quis.

— É uma experiência única.

— É o que dizem.

— Como é essa coisa com homens?

— O que quer dizer?

— Sei lá, me conta aí as suas aventuras.

Fábio faz uma cara que é um misto de ingenuidade e safadeza.

— Não chamaria de “aventuras”. A maioria tá mais pra desventura. Não vale a pena.

— Você sempre foi assim, fechado.

— E isso te incomoda?

— Nem um pouco. Pois eu sempre soube quem você era.

— O que quer dizer com isso?

— Conheço o seu caráter.

— Pensei que tava falando...

— Do fato de você gostar de homens?

— É.

— Eu tive uma suspeita, mas depois desencanei.

— Teve?

— Eu via como você olhava pro Jonas.

— Jonas?

— Aquele meu amigo. Não venha me dizer que não se lembra. Você ficava esquisito quando ele tava perto.

Ele enruga a testa.

— Ah, acho que sei quem é.

— Então, ficava ou não ficava de pau duro quando via ele?

Ele fica hipnotizado com aquele sorrisão.

— Não, você interpretou errado. Eu não gostava dele. O Jonas era um idiota. Eu nem tinha tesão por ele. Eu só ficava esquisito porque eu tinha ciúme de você.

Fábio fica sério.

— Você era apaixonado por mim?

— Pra ser sincero, não sei. Acho que era ciúme de amigo. Você era meu único amigo. Se perdesse você, perdia tudo.

— Eu era tão importante assim?

— Era, tanto que preferi me afastar a ter o seu desprezo.

— Você é muito bobo, eu não ia te desprezar. Talvez eu ficasse um pouco confuso, mas jamais machucaria você.

— Confuso por quê?

— Sei lá! Meu melhor amigo gosta de homem. Naquela idade, eu ficaria meio confuso. Aquela coisa. Dizem que não pode existir amizade entre homem e mulher...

— Se forem heterossexuais.

— Se um deles for heterossexual, já pode haver algum envolvimento.

— E se forem dois homens, e um deles for homossexual, também pode haver.

— Acho que sim.

— O que você diria se eu dissesse que era apaixonado por você?

Silêncio.

— Você era?

— Sinceridade?

— É o que espero.

— Não sei, talvez. Eu tinha tanto medo de te perder que eu preferia não pensar nisso.

— Você era tão calado, vivia com a cara enfiada nos livros. Parecia tão superior a mim, que, quando se afastou, achei até natural.

— Não queria ter provocado esse sentimento de inferioridade em você.

— Fico pensando como seria se nossa amizade não tivesse acabado.

— Não acabou. Acabou?

O sorrisão.

— Não, na verdade, é como se você voltasse de viagem.

— Ótima metáfora, pois é assim que me sinto. Como se voltasse pra casa.

— Eu sou sua casa então.

— Olha, Fábio...

Ele se levanta e vai até a janela. De costas para o amigo, fala:

— O que tá acontecendo aqui, agora, é algo estranho. Tô confuso e sentindo coisas que não sei explicar.

Ele sente que Fábio está às suas costas.

— Posso te abraçar? — Fábio pergunta.

— Pode — Ele responde, em um sussurro.

Fábio abraça-o por trás. Ele sente sua respiração, um calor na orelha. E seu cheiro é como sempre foi.

— Vou confessar uma coisa.

— Deixa adivinhar. Você já namorou um homem.

Ele pode sentir o seu sorrisão.

— Não, eu nunca fiquei com um homem, nem tive vontade, até agora.

Ele estremece ao ouvir o final da frase.

— Então, o que é?

— Eu te vi faz uns cinco anos. No bar Gatuno.

— Bar Gatuno?

— Eu tava com minha ex-esposa lá. Você entrou com um cara alto, nem me viu. Fiquei tentado a me aproximar, mas...

— Mas?

— Eu tava com minha ex-esposa e você tava com o cara alto. Parecia que não tinha espaço pro nosso encontro, pois não seríamos nós mesmos diante de outras pessoas.

— Não seríamos, é certo.

— Então, quando te vi hoje, na minha frente, na fila do supermercado, sei lá, eu soube que era a hora.

— A hora?

— Sim, a hora.

— A hora de quê?

Fábio desfaz o abraço e fala:

— Olha pra mim.

Ele se vira, e Fábio lhe dá um beijo.

— Fábio…

— O que foi? Não gostou?

— É como se fosse o meu primeiro beijo. Devia ter acontecido lá, no passado.

— Mas aconteceu agora.

— E é só o que temos.

Eles se beijam pela segunda vez.

epílogo.

Os sabonetes caem, inevitavelmente. Cães só fazem barulho; às vezes, estragos. Médico brasileiro competente é um animal em extinção. Aliás, “competência” e “brasileiro” são substantivos incompatíveis. Muita gente não consegue ver além do óbvio. A maioria, nem o óbvio. A internete virou sinônimo de rede social. Redes sociais estão cheias de autoverdades, pós-verdades, clichês, enfim, de mentiras. Isso diz muito sobre a humanidade: animais medianos e condicionados por meio de choques e gratificações.

É difícil se lembrar de uma coisa incômoda quando ela para de incomodar. Mas tantas vezes é necessário. Ele é um gigante preso em uma caixa de fósforos. Ele sempre soube que seria difícil, escasso, perigoso e, sobretudo, assustador. Não sabe se vai ou se fica. Se vai, não sabe se volta. Lá fora, o ódio. As religiões falam tanto do mal, que acabam se transformando no próprio mal.

Ele pintava, bordava, tocava ao piano canções sem sentido e cheias de amor, fazia *películas* na Espanha, em sonhos, ganhava prêmios em Cannes, beijava bocas desconhecidas, não tinha medo de morrer e

transformava seu quarto em ágora onde desfiava os tecidos de retórica e argumentação com seu gato de pelúcia, que conversava com Ele, com voz humana e sem a reserva de um rato. Era louco sem o ser, e sabia, no mais íntimo de sua existência, que nada valia a pena e que tudo merecia viver, sofrer, apodrecer. E chegou a velhice, as rugas na testa, a calva no topo da cabeça, o olhar de pena, de ódio ou de incompreensão dos jovens que não sabem de um dia depois de não morrer.

Cada vez que um pobre gera um filho, produz mais um escravo para servir aos donos do capital. Que pais geram escravos? Escravos também, e inconscientes.

Ele fica pensando qual foi a primeira palavra inventada pela espécie humana, que caminho ela percorreu para se transformar em outras línguas, ou em sua morte de boca em boca até o fim.

Apenas pensa, caoticamente Ele pensa, a incompreensibilidade o faz pensar. Dentro do seu cérebro, está o universo. O fim do mundo é Ele.

O ser humano é civilizado, o cão é domesticado. Armadilhas do discurso, humano domesticado e cão civilizado, não há diferença, sinônimos apenas. Terá o cão adquirido um tipo de consciência específica em seu processo civilizatório que o afasta do ancestral selvagem? E

o boi civilizado para o abate? Terá algum tipo de condenação impressa em sua carga genética que o faz aceitar a prisão e a morte, coisa impossível para o marruá?

Sente o fel na ponta da língua até o início da garganta.

Precisa tomar os remédios na hora certa. O da pressão alta faz mijar, mas a próstata não ajuda. Hiperplasia benigna. Odeia cirurgias, ficar à mercê dos compradores de diploma, anestesiado enquanto mãos irresponsáveis e mercenárias perpetram a invasão. Há também os vírus, bactérias e fungos dispostos a agredir seu corpo tão maltratado por tudo, tão carente de prazer e tão acostumado aos vícios. Pensa em abrir o livro outra vez, mas olha para a televisão. Os zumbis rastejam pela noite. Os vampiros, bruxas e lobisomens são cada vez mais raros. Sem mais ironias, sensualidade e aquele toque especial de sadomasoquismo. O tédio invade a noite, mas um velho sempre pode recorrer a suas eternas lembranças.

O tempo mostrou-lhe que o sentido da vida é o prazer, hedonismo ou nada. Mas agora é muito tarde, ter uma vida plena é impossível, pois tudo é agonia.

Como são infelizes maridos e esposas! Fadados a prisões. Filhas, filhos, deuses e religiões.

Só falam tanto em deus, incansavelmente, aqueles que possuem uma alma demoníaca, capaz de atrocidades contra a vida e a dignidade humanas.

Um dia o poder se transforma em mitologia, Jesus semideus, mais poderoso do que Hércules.

A felicidade é uma cobra cega que morde o próprio rabo.

Pobres são esquecidos pela História. Homossexuais pobres então, nem se fala. Quem conta o que eles passaram nos anos 1980 durante a epidemia de AIDS? Invisíveis. Não tinham voz, hoje não têm história, só restou o registro da agonia *gay* burguesa.

Ele contra o mundo, e o mundo contra Ele. Como seria o mundo sem pobreza e discriminação? O ser humano faria questionamentos existenciais em vez de políticos. Não se pode evoluir enquanto há desigualdade social. É preciso superar isso para dar o próximo passo evolutivo, ainda tão distante.

São nossas atitudes diárias que fazem a diferença.

Se o governante governa realmente para todos, terá sido de fato um governante.

Os empresários brasileiros pagam salário mínimo porque é lei. Mas pagar mais de um salário mínimo não é crime! E que empresário paga mais? Nunca ouvi falar. Se ele tem um lucro líquido de um milhão ao mês, por que não reduzir seu lucro para oitocentos mil para que seus funcionários trabalhem felizes e tenham uma vida mais digna? Mas acontece o contrário, se alguma lei beneficia o trabalhador, o empresário reclama, pois deixará de ganhar um milhão para ganhar novecentos e noventa mil. Empresários brasileiros só sabem lamentar. E por que lamentam? Porque têm o lucro de um milhão, mas querem mais.

As igrejas incentivam a procriação, em prol da escravidão do trabalhador. Se ele não tem filhos, ele não aceita trabalhar como escravo. Mas quando os tem, precisa sustentá-los, inclusive será punido legalmente se não o fizer, e as crianças realmente precisam ser protegidas. Então, o pobre é incentivado pela família e pela igreja a procriar e, consequentemente, ser escravo do empresário, que faz o que bem entende. Pobres que procriam são pobres escravos, sem nenhuma chance de sair da escravidão. Mas pessoas que dizem essas verdades são atacadas, tantas vezes por esses pobres ignorantes da própria escravidão, os quais reproduzem a vida miserável de seus pais e

mentem para si próprios ao dizer que os filhos são uma felicidade.

A mentira estampada no rosto infeliz.

Pobre, pare de procriar, faça menos sexo e leia mais, seja livre de fato. Mas é claro que isso não vai acontecer, há um círculo vicioso: ignorância, procriação e escravidão. Agora até homossexuais têm filhos! Tiveram a sorte de nascer livres, mas querem a escravidão.

Por que ter filhos?

Como resposta, clichês para convencer trouxas.

Alguns pobres acham que os filhos vão enriquecer milagrosamente e tirá-los da escravidão.

Sentir pena ou raiva?

O bom de fumar, e de fumar à noite, é que o cigarro faz pensar.

Ele se lembra de um poema do Drummond.

Pega, na estante, o livro do poeta mineiro.

Lê em voz alta os dois últimos versos do tal poema:

— “Mariquita, dá cá o pito, no teu pito está o infinito.”

O título do poema é *Toada do amor*. Amor. Será que no final das contas tudo não passa de amor ou falta de? Construído, está claro,

solidificado com tijolos de nuvem. Alienante e dominador. Amor é conversa pra boi dormir.

Dá uma tragada. O cigarro é um falo simbólico, sem sombra de dúvida. E manda tudo à puta que pariu.

Mas antes, se lembra, com ternura, de Fábio.